



號
角
報

70 Anos o clarim

DIRECTOR Pe. José Mario O. Mandia | ANO 71 | Nº 41 | 8 de MARÇO de 2019 | SEXTA-FEIRA

EDIÇÃO TRILINGUE | TRILINGUAL EDITION | SEMANÁRIO CATÓLICO DE MACAU | PREÇO 12.00 Mop

PT EN CH

www.oclarim.com.mo | www.facebook.com/oclarimweekly



CARDEAL D. FERNANDO FILONI,
PREFEITO DA CONGREGAÇÃO
PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS,
EM ENTREVISTA A'O CLARIM

«O contributo
de Macau
e de Hong Kong
para a Igreja
Universal
é especial»

DESTAQUE | PÁGS. 2 E 3

Procissão: acompanhe
o Senhor dos Passos

LOCAL | PÁG. 6

Coro Perosi abrilhantou
oração de vésperas

LOCAL | PÁG. 5

Hoje é Dia
Internacional da Mulher

ECLESIAL | PÁG. 11

QUARESMA

«Viagem de regresso ao essencial»



LITURGIA | PÁG. 10

PUBLICIDADE

衛生局
Serviços de Saúde

A vacina da gripe
é gratuita para
todos os cidadãos

Faça bem a si e aos outros,
previna a gripe.

Linha aberta
28 700800

CARDEAL D. FERNANDO FILONI, PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, EM ENTREVISTA A'O CLARIM

«O contributo de Macau e de Hong Kong para a Igreja Universal é especial»

PE. JOSÉ MARIO MANDÍA

Macau recebeu no passado fim-de-semana o cardeal D. Fernando Filoni. O prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos abençoou as novas instalações da Universidade de São José, na Ilha Verde, numa cerimónia que reuniu mais de meio milhar de pessoas no auditório da instituição de Ensino Superior. Numa entrevista exclusiva a'O CLARIM, o antigo responsável pela Missão da Santa Sé na antiga colónia britânica elogiou o papel desempenhado por Macau e por Hong Kong em prol da abertura da China, abordou as conclusões da cimeira sobre a protecção de menores, que decorreu no Vaticano no final de Fevereiro, e antecipou uma eventual visita do Papa Francisco à China. Sobre este última tema, assegurou que a vontade existe. Só falta mesmo o momento certo...

O CLARIM – Vossa Eminência é o prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Quais são os principais objectivos deste organismo?

D. FERNANDO FILONI – A Congregação para a Evangelização dos Povos também é conhecida como “Propaganda Fide”. Este foi o seu primeiro nome, o seu nome em Latim. A palavra “propaganda” não tem nada a ver com a conotação que lhe é assacada hoje em dia. “Propaganda” em Latim significa exactamente a Congregação que propaga o Evangelho pelo Mundo. É este o verdadeiro significado do termo. A nossa Congregação foi criada há quatro



© Ivan Leong

centos anos, pelo Papa Gregório XIII, e foi aperfeiçoada pelo Papa Urbano VIII. Foi criada por incentivo papal porque a Cúria Romana se apercebeu que, à época, eram muitos os países que estavam a estabelecer colónias aqui e acolá e, por vezes, utilizavam a religião para propósitos políticos. O Papa disse: «Não, não podemos permitir que se misture religião com propósitos políticos e comerciais». A evangelização é um dever primário da Igreja. A Igreja foi criada para evangelizar. Quando Jesus disse «Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova» e criou um grupo – o dos Apóstolos – o que estava a fazer era a incumbir a Igreja da missão de evangelizar. O Papa afirmou: «Propagar o Evangelho é a nossa primeira missão. E queremos que esta missão esteja nas nossas mãos e não nas mãos de outros poderes». Essa foi a tarefa que desde então assumimos: propagar o Evangelho, espalhar a palavra de Deus

por todos os povos. A nossa Congregação foi a primeira a actuar na América, quando o continente americano foi descoberto. Foi a primeira a trazer a Boa-Nova à Ásia, a África, à Oceânia, e isto é algo que encaramos como uma responsabilidade. Enquanto Congregação, somos hoje em dia responsáveis por estes grandes continentes: Ásia, África, Oceânia e partes da América Latina. Como o Concílio Vaticano II sublinhou, temos de encorajar a evangelização, promover a evangelização, organizar a evangelização e fazer com que os povos de todo o mundo ganhem consciência de que, enquanto católicos, devem ser missionários na sua própria terra e devem promover a inculturação da Igreja nos respectivos países. Hoje em dia temos sob a nossa égide mais de mil e duzentas dioceses. Somos responsáveis por elas. Nomeamos bispos, criamos se-

minários, promovemos a formação de sacerdotes. A propagação do Evangelho é a principal prioridade, mas não nos limitamos a propagá-lo. Costumamos dizer que a evangelização caminha com duas pernas: uma é o Evangelho e a outra é a Cultura. Procuramos levar educação a todo o lado, apostamos na formação e hoje contamos com a nossa própria rede de estabelecimentos escolares em varias localidades remotas de África e em outras regiões.

CL – No seu entender que desafios, que obstáculos, se colocam à actividade missionária?

D.F.F. – Uma vez que criámos e instalámos dioceses um pouco por todo o lado, em todos os continentes, temos a responsabilidade de ajudar estas jovens igrejas a crescer, a formar todos quantos são responsáveis por elas. É algo que temos que fazer a bem da evangelização própria



Sede da Propaganda Fide, em Roma

mente dita. É absolutamente essencial que diferentes grupos étnicos, como por exemplo em África, possam compreender os Evangelhos através dos meios que estão ao seu dispor: a sua cultura, as suas capacidades, os seus conhecimentos e as sensibilidades que lhes são próprias. Não se trata apenas de lhes oferecer algo em que possam acreditar. Não é suficiente. A nossa missão é fazer com que o Evangelho se torne carne entre os povos. Este é um aspecto muito importante, mas também muito delicado. Não nos queremos impor, como o Papa Francisco fez questão de assinalar inúmeras vezes. Não queremos impor nada. Queremos apenas propor a nossa fé.

CL – Macau e Hong Kong deram um enorme contributo para a evangelização na China. Que papel podem desempenhar as duas Regiões Administrativas Especiais no âmbito do acordo firmado entre a Santa Sé e o Governo Central?

D.F.F. – Estava a trabalhar nesta zona quando João Paulo II se pronunciou pela primeira vez sobre a abertura da China. Ele considerava que a Igreja em Taiwan, em Hong Kong e em Macau devem servir de ponte; devem servir de ligação entre os dois lados. Macau e Hong Kong são duas pontes que colocam a fé e o Evangelho ao serviço da comunidade católica da China continental. É importante que durante muitos anos Hong Kong e Macau tenham aberto tantas portas, mas importa sublinhar que este trabalho foi sempre feito da forma mais indicada. Devemos salientar também que a presença da Igreja na China já se faz notada. Nunca desapareceu e tornou-se mais forte. Cresceu em termos de vitalidade, em termos organizativos, na reconstrução de espaços que tinham sido destruídos e de comunidades que quase tinham desaparecido. É necessário que se diga que estando a Igreja já presente na China, a Igreja tornou-se por ela própria uma ponte. Para que uma ponte exista são necessários dois pilares. Um não é suficiente, são necessários dois. Esta ligação é de extrema importância.

CL – Menciona a importância desta re-

lação, mas o problema de Taiwan subsiste. A Santa Sé e a China assinaram recentemente um acordo provisório e há quem pergunte se a visita que fez à Formosa não pode comprometer este acordo...

D.F.F. – O convite que me levou a Taiwan não me foi endereçado. A Igreja em Taiwan convidou o Papa Francisco e o Santo Padre disse-lhes: «*Vou enviar-vos um enviado especial*». Eu fui o enviado do Santo Padre à celebração do Congresso Eucarístico. O propósito da minha visita foi meramente religioso. Não houve qualquer propósito político ou qualquer outra razão. Fico feliz pelo facto do Santo Padre me ter dado esta oportunidade, não só de o representar, mas também de encorajar estas Igrejas a continuar a espalhar a Palavra de Deus. Mantemos, obviamente, relações com todos e, no meu entender, esta foi uma boa oportunidade para demonstrar que a Igreja mantém uma posição de abertura a todos.

CL – Neste seu regresso a Macau tem alguma mensagem especial para os católicos do território? Esteve reunido com o clero. Também se reuniu com os leigos?

D.F.F. – Não me parece que seja necessário dedicar uma atenção especial em relação a Macau e Hong Kong. Macau e Hong Kong nada têm de especial. A única coisa especial sobre os dois é o facto de estarem na órbita da Grande China e isso é algo bom. A Igreja em Macau e em Hong Kong deve permanecer fiel à Igreja Universal, e deve tirar proveito desta capacidade de pertencer à Igreja Católica para oferecer aos fiéis em Macau e em Hong Kong a possibilidade de viverem ao máximo a sua fé, de viverem ao máximo a sua comunhão. É essencial que não se sintam à parte, porque são parcelas essenciais da Igreja Universal. Este aspecto, no entanto, não constituiu uma particularidade especial, mas trata-se de algum comum no seio da Igreja. Quando me desloco a África, não lhes digo: “Vocês são especiais”. São especiais apenas no sentido de que a fé que nutrem vai contribuir para a unidade da Igreja Universal. O contributo de Macau e de Hong Kong para a Igreja

Universal é especial. Bem, é mais específico do que especial, dada a sensibilidade, a capacidade e as boas intenções que lhes são associadas. Os católicos em Macau e Hong Kong sentem que podem oferecer algo que os outros não podem e esse contributo é especial.

CL – O monsenhor Ante Jozic vai deixar a Missão da Santa Sé em Hong Kong. É errado presumir que o substituto para uma posição tão importante já foi escolhido?

D.F.F. – Bem, não me cabe a mim definir o que vai acontecer, mas a verdade é que a Missão já existe há muitos anos. O monsenhor Ante foi promovido a arcebispo e a núncio apostólico. Fico feliz pelo contributo dado pela Missão na abordagem à Igreja na China. O trabalho conduzido pela Missão é muito importante para o Santo Padre e para a Igreja Universal. Muitas vezes a Igreja espalhada pelo mundo interroga-se: “E se os pudéssemos informar? E se pudéssemos partilhar com eles todos os elementos que conhecemos em relação à Igreja na China, em relação à Igreja em Macau e em Hong Kong?”. Neste momento, obviamente, estamos a olhar para o futuro e a Igreja está a ponderar qual é o próximo passo a ser tomado. Certamente que a Santa Sé não vai esquecer Hong Kong, Macau ou Taiwan, da mesma forma que não esquece qualquer país, a China incluída.

CL – Hong Kong está também à espera de um novo bispo...

D.F.F. – A questão da nomeação de um novo bispo para Hong Kong está nas mãos da Providência. Temos de estudar todas as possibilidades, teremos de ver, mas até ao momento nada está decidido.

CL – Liderou durante alguns anos a Missão da Santa Sé em Hong Kong. Macau e Hong Kong mudaram muito ao longo dos últimos anos. A Igreja Católica ainda tem uma presença importante em ambas as Regiões Administrativas Especiais?

D.F.F. – Sim, não vejo porque não teria. Conheço o passado e conheço o presente, e na minha perspectiva a Igreja mantém-se forte em ambos os lados. O Bispo, os sacerdotes, as religiosas, os leigos... Todos eles estão a fazer um trabalho extraordinário. É um trabalho que é admirado. Apesar de sermos uma minoria, damos um grande contributo. É um contributo que se manifesta não só através da fé, mas também do trabalho que desenvolvemos enquanto testemunhas de Cristo. Tentamos dar o nosso melhor em domínios como a educação ou a assistência social e não agimos apenas de um ponto de vista académico. É algo que fazemos com alma e com amor.

CL – Na cimeira que discutiu em Roma a protecção de menores foram tomadas medidas concretas em número suficiente? O Papa Francisco dizia que é absolutamente necessário promover medidas concretas e não ficar apenas no plano das intenções...

D.F.F. – Creio que se avançou para o encontro com expectativas muito elevadas em relação à adopção de medidas práticas, mas quando se tem que se decidir sobre pessoas, especialmente contra

os que são acusados, a ideia de justiça é muito importante. Não se pode, pura e simplesmente, eliminar ou afastar alguém só porque outra pessoa disse “o senhor fez isto e isto”. O que não falta são casos de pessoas que foram acusadas injustamente. A justiça é essencial. Se não existir justiça – seja em questões ligados à religião ou ao próprio primado da lei – o mais certo é que a sociedade entre em colapso. Sobre esta questão delicada, o que a cimeira permitiu foi que os bispos, sacerdotes e membros das diferentes congregações religiosas ganhassem consciência de que é absolutamente necessário defender os menores. O Papa no seu último discurso sublinhou este aspecto: as principais vítimas, os principais afectados são os menores, as crianças, os que nunca chegaram a nascer, os que estão doentes. Isto não é algo que se cinge ao passado. É algo que ainda acontece nos nossos dias. É costume dizer-se “se não há esperança, então é melhor que se eliminem os problemas”. Este pensamento é inadmissível. Para nós é importante que os menores, os que foram excluídos, sejam parte da nossa sociedade. Temos de fazer uma introspecção profunda, não apenas no seio da Igreja, mas fazer com que esta introspecção também envolva o mundo. As mensagens que o Papa deixou à sociedade e aos grupos que defendem as vítimas é clara: «*Esta tomada de consciência vai traduzir-se em decisões legais, numa postura rigorosa por parte da Igreja*». Este é um processo lento, mas no qual nós estamos a trabalhar.

CL – Os dois episcopos chineses que participaram no Sínodo dos Bispos, em Roma, disseram que endereçaram um convite ao Papa Francisco para visitar a China. Acredita que uma tal visita se pode vir a realizar?

D.F.F. – No passado, já desde o pontificado de João Paulo II, que foram feitos convites a bispos chineses para que participassem no Sínodo, mas tal nunca se prefigurou possível. Finalmente participaram, conheceram os outros bispos, estiveram connosco e eu próprio tive a oportunidade de me reunir com eles. Sou testemunha da alegria que sentiram. Partilharam connosco o que tinham para oferecer: amor, alegria e o entusiasmo por poderem ser parte desta grande experiência de comunhão com os bispos de todo o mundo. Até agora faziam parte de uma outra dimensão, mas depois desta primeira oportunidade, sei que terão, porventura, interesse em partilhar esta experiência com os outros e esta é uma dimensão maravilhosa. Ainda que a presença deles entre nós se tenha limitado a um período de duas semanas, foi algo maravilhoso. Foi o começo de algo importante.

CL – Acredita que o Papa Francisco poderá ponderar o convite que lhe foi feito e visitar a China?

D.F.F. – Estou certo que é uma viagem que o Papa gostaria de fazer. Talvez esteja apenas a aguardar pelo momento certo. ■

CARDEAL D. FERNANDO FILONI PEDIU AOS FIÉIS
SENTIDO DE MISSÃO E AOS PROFESSORES
UMA EDUCAÇÃO COM VALORES

Sobre esta pedra, evangelizai!



JOSÉ MIGUEL ENCARNÇÃO

jme888@gmail.com

O CARDEAL D. Fernando Filoni pediu aos fiéis católicos de Macau que sejam «missionários» em suas casas, nos seus empregos, na relação com os amigos e na vida quotidiana.

No entender do prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, o trabalho missionário não está apenas reservado às pessoas consagradas, sendo esta uma tarefa acessível a todos os que vivem a Fé Cristã.

«Ser missionário não é propriamente pertencer a uma instituição, como é pertencer aos Franciscanos, Dominicanos e outros», começou por explicar D. Fernando Filoni, acrescentando: «Cada um de nós, por meio do Baptismo, recebe a vocação missionária de anunciar Jesus ao mundo».

O cardeal, que durante os dois dias que esteve em Macau fez inúmeras referências ao Santo Padre, lembrou que «a evangelização é actualmente a tarefa mais importante da Igreja», uma ideia que tem marcado o pontificado do «jesuíta» Francisco.

Sendo o primeiro Papa não europeu e proveniente da América Latina, Jorge Mario Bergoglio tem desde a sua eleição defendido a evangelização das «periferias», sejam elas sociais, políticas ou geográficas. Daí a necessidade, segundo D. Filoni, de «levar a Boa Nova aos pobres e àqueles que sofrem». Na prática, «é dar esperança a quem dela precisa», disse.

Recorrendo à passagem da parábola do cego – «Poderá um cego guiar outro

cego? (Lc., 6, 39-45)» – o prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos sublinhou o dever de quem «ama os outros» em se «tornar missionário» e «difundir o Evangelho».

Estas declarações foram proferidas, no passado dia 3 de Março, durante a homilia da habitual missa dominical das 18 horas e 30 da Sé Catedral, que contou com a participação de largas centenas de fiéis das mais diversas nacionalidades.

O programa da visita de D. Fernando Filoni, que esteve sempre acompanhado de D. Stephen Lee, bispo de Macau, prosseguiu na manhã do dia seguinte com a celebração de missa no Auditório Centenário de Fátima, no Campus da Ilha Verde da Universidade de São José.

Também durante a homilia, o cardeal repetiu a ideia por ele transmitida na missa de Domingo, tendo dirigido a mensagem aos professores da instituição de Ensino Superior, mais concretamente no que respeita ao papel dos docentes na formação dos alunos. «Não sejam professores só para ensinar, sejam também transmissores de valores», apontou.

Antes do encerramento da Eucaristia, D. Filoni abençoou as novas instalações da Universidade de São José na presença de D. Stephen Lee e do bispo emérito de Macau, D. José Lai. Para o efeito, foi inscrita numa pedra branca a seguinte frase: «Este CAMPUS DA ILHA VERDE foi benzido por S.^a Emin.^a Rev.^a CARDEAL FERNANDO FILONI, Prefeito da Congregação da Evangelização dos Povos, tendo como testemunhas D. STEPHEN LEE BUN SANG, Bispo de Macau, Prof. Pe. PETER STILWELL, Reitor da USJ, Doutor SAMUEL KIO SU IONG, Director do CDSJ6. Macau, 4 de Março de 2019». ■



■ J Á A G O R A !

Visita de alegria

O início da semana foi de enorme alegria para a Igreja Católica em Macau. Faço já aqui a primeira ressalva: Igreja Católica em Macau, e não “de” Macau. E porquê? Porque a Igreja Católica é una e universal, pois é governada pelo Papa e está presente em todo o mundo, pelo menos onde a sua presença não é proibida.

Mas dizia eu: o início da semana foi de enorme alegria para a Igreja Católica em Macau.

De facto, não é todos os dias que o território recebe um cardeal e logo prefeito de uma das mais importantes Congregações do Vaticano.

D. Fernando Filoni é prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Para o comum dos mortais, tal não lhe diz nada à partida. E até os mais esclarecidos poderão apenas pensar que se trata do organismo da Santa Sé que regula a actividade missionária da Igreja nos quatro cantos do planeta.

Pois bem: nós levantamos mais um pouco do “véu cardinalício”, desde que prometa que não vai especular e/ou fazer análises precipitadas, pois seria fácil mas não gostamos de ir por aí.

A Congregação para a Evangelização dos Povos tem a seu cargo a nomeação dos bispos de Macau e Hong Kong, bem como de todos os prelados das chamadas Dioceses Missionárias. Os restantes bispos são nomeados pela Congregação para os Bispos.

Mais: a Congregação liderada por D. Fernando Filoni é também responsável pela nomeação do chefe da Missão da Santa Sé em Hong Kong. E ainda tem o “pelouro” de Taiwan.

Antes de passar por Macau, D. Filoni esteve na Formosa a participar num congresso eucarístico, e já cá agradeceu pessoalmente ao monsenhor Ante Jozic o seu desempenho à frente da Missão da Santa Sé em Hong Kong e confirmou que este irá ocupar o cargo de núncio apostólico na Costa do Marfim. A

terminar o periplo asiático, o cardeal disse explicitamente que ainda não há qualquer indicação quanto aos sacerdotes que irão tomar as rédeas da diocese e da missão diplomática em Hong Kong. São decisões que cabe ao Espírito Santo tomar, segundo explicou ao nosso jornal.

Posto isto, é de crer e de prever que não deverão ser anunciadas grandes mudanças nos próximos meses, sendo que este adiar ou impasse (como lhe quiserem chamar) só é hoje

“

A Congregação para a Evangelização dos Povos tem a seu cargo a nomeação dos bispos de Macau e Hong Kong, bem como de todos os prelados das chamadas Dioceses Missionárias. Os restantes bispos são nomeados pela Congregação para os Bispos

”

possível porque as entidades católicas presentes no Delta do Rio das Pérolas têm recursos humanos e dinâmicas de funcionamento que há uma década não existiam.

Ah, é verdade: falta falar no acordo assinado entre o Vaticano e a China (prefiro do que dizer Santa Sé e Pequim). Mas também nesta matéria não há mais a revelar para além do já noticiado. De acordo com D. Fernando Filoni, trata-se de um acordo meramente religioso, social, enfim, humano, e não político. Para pena dos analistas políticos.... ■

José Miguel Encarnação

CORO PEROSI ABRILHANTOU ORAÇÃO DE VÉSPERAS NA IGREJA DA SÉ CATEDRAL

«Morte, onde está a tua vitória?» (1 Coríntios 15:55)

MIGUEL AUGUSTO

A IGREJA da Sé Catedral convidou os fiéis a juntarem-se à oração de vésperas do passado dia 2 de Março, em comunhão com o Coro Perosi, sob o tema “Vésperas Corais ‘Morte, onde está a tua vitória?’ (1 Coríntios XV:55)”.

O encontro foi presidido pelo padre Cyril Law, que também participou no coro. Na ocasião, o sacerdote lembrou que este é um momento de preparação para a Quaresma, época litúrgica muito vivida e sentida pelos cristãos, que teve início na passada Quarta-Feira de Cinzas.

À entrada da igreja os fiéis receberam uma pequena vela electrónica e um impresso (em formato A5) trilingue – Chinês, Português e Inglês – com o alinhamento das obras corais e da liturgia que acompanhou o canto interpretado pelo Coro Perosi. A organização teve assim em conta a diversidade cultural da comunidade católica de Macau, ao permitir que os presentes pudessem participar na sua língua materna.

À medida que cada fiel se sentava, colocava na sua frente uma vela acesa. Aos poucos, a igreja foi-se iluminando com estes pontos de luz – simbólica presença do Senhor, a verdadeira Luz do mundo.

O evento teve início às vinte horas, com breves palavras e uma oração proferida pelo padre Cyril Law, e um canto introdutório. De seguida foi lido o Evangelho de São João: «No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam» (João 1:1-5).

Após a leitura da Palavra (que prosseguiu de modo intercalado nas três línguas), o coro interpretou “Requiem Op. 48”, de Gabriel Fauré. A assembleia seguiu atentamente o compasso do canto coral e das leituras do Evangelho, que tocaram sobretudo o tema da vitória do Senhor – cordeiro imolado – sobre a morte e a fé de todos os que morrem em Cristo, para uma ressurreição em Cristo: «De facto, se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus reunirá

com Jesus os que em Jesus adormeceram» (1 Tessalonicenses 4:14).

Reinava o silêncio entre os presentes, numa introspecção de sentimentos elevados ao Céu, de forma contemplativa, embalados pelas vozes harmoniosas que transcendiam o espaço e o momento. Os aplausos, esses, ficaram guardados para o fim, pois o Senhor recebia louvor pelo canto, leitura da Palavra e oração.

As vésperas fazem parte da “Liturgia das Horas” – oração universal e pública da Igreja – que é realizada ao entardecer (vésperas), quando o dia declina para receber a noite.

São João Maria Vianney dizia: «O tesouro do cristão não está na terra, mas nos céus. Por isso, o nosso pensamento deve estar voltado para onde está o nosso tesouro. Se rezais e amais, eis aí a felicidade do homem sobre a terra».

O mês de Março é dedicado a São José, padroeiro da boa morte e da Igreja Universal, celebrado liturgicamente a 19 de Março. É o único dia da Quaresma no qual os padres não vestem roxo.

Para quem não pôde estar presente nestas vésperas corais, pode assistir “online” através do link: <https://www.facebook.com/voiceofmary/videos/804335073262834?sfns=mo>



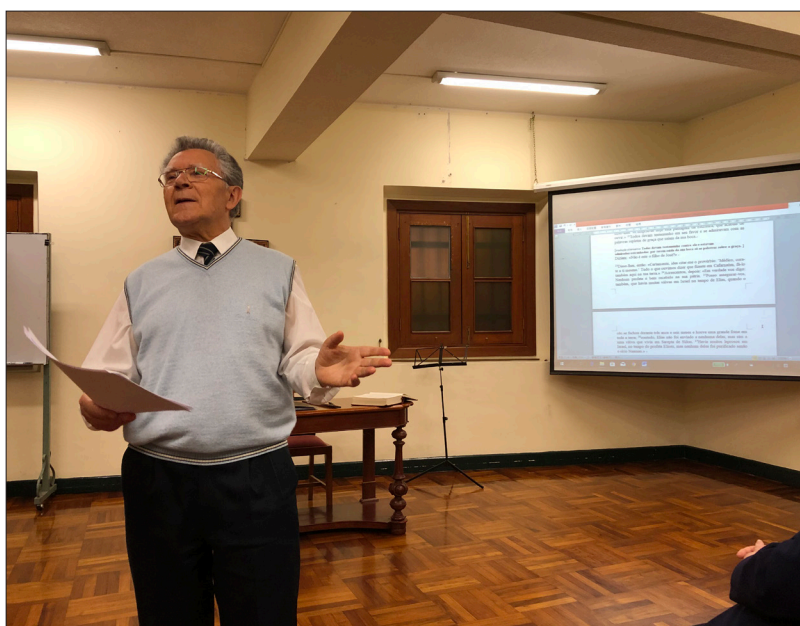
CARTÓRIO DA SÉ ACOLHEU “WORKSHOP” SOBRE SAGRADA ESCRITURA

Três dias com São Lucas

O EVANGELHO de São Lucas juntou trinta pessoas – leigos, sacerdotes e religiosas – entre os dias 27 de Fevereiro e 1 de Março para um “workshop” no Cartório da Sé, dedicado ao estudo das Sagradas Escrituras.

O padre Armindo Vaz, doutorado em Sagrada Escritura, foi convidado pela Diocese – aproveitando a sua passagem por Macau – para conduzir os trabalhos, levando os participantes a conhecer o Evangelho de São Lucas. O sacerdote falou da mensagem implícita e dos pontos-chave para a leitura bíblica e sua exegese, tendo em conta a contextualização histórica e cultural da época, tanto do Antigo (AT), como do Novo Testamento (NT).

As palestras, que abordaram alguns versículos do Evangelho de Lucas, para além de darem a conhecer a mensagem bíblica, serviram também para desper-



tar ou reavivar o interesse pela leitura da Palavra de Deus.

Entre outros aspectos, o professor Armindo Vaz abordou o método da “Lectio Divina” (do Latim “leitura divina”). Os princípios da “Lectio Divina”

datam do século III. Os monges católicos diziam que «a “Lectio Divina” é a escada espiritual dos monges, mas é também a de todo o cristão».

O padre Armindo falou dos passos que pautam a “Lectio

Divina” e no modo de iniciar esta leitura orante – primeiro invoca-se o Espírito Santo com a oração: “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito, e tudo será criado; e renovareis a face da terra. Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com as luzes do Espírito Santo, fazei que apreciemos rectamente todas as coisas e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo Nosso Senhor. Amém”.

A “Lectio Divina” divide-se em diferentes momentos: Lectio (Leitura); Meditatio (Meditação); Oratio (Oração); e Contemplatio (Contemplação).

A “Lectio Divina”, tradicionalmente, é uma oração individual. Porém, pode-se rezá-la em grupo. O Papa Bento XVI disse num discurso em 2005: «Eu gostaria, em especial, de recordar e recomendar

a antiga tradição da “Lectio Divina”, a leitura assídua da Sagrada Escritura, acompanhada de oração que traz um diálogo íntimo em que na leitura escuta-se Deus que fala e, rezando, responde-lhe com confiança a abertura do coração».

O Concílio Vaticano II promoveu, com toda a sua autoridade, a restauração da “Lectio Divina”, que teve um período de esquecimento por vários séculos na Igreja.

São Jerónimo, nascido no século IV, conhecido por ter traduzido a Bíblia para Latim, a qual ficaria com o nome de “Vulgata” – o texto mais utilizado pela Igreja nos séculos posteriores – afirmava que «ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo».

Esta iniciativa foi organizada no âmbito das actividades de Formação Católica da diocese de Macau. ■

Miguel Augusto



PROCISSÃO DE NOSSO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS ENTRE AMANHÃ E DOMINGO

Tristeza reconfortante

A PROCISSÃO de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos tem lugar anualmente no primeiro sábado e Domingo da Quaresma, e é parte da “Novena católica e da Festa em Honra do Senhor Bom Jesus dos Passos”.

Assim, amanhã, pelas 19 horas, as cerimônias têm início na igreja de Santo Agostinho. E Domingo, estão agendadas para as 16 horas, na igreja da Sé Catedral.

A Procissão conta com a participação de D. Stephen Lee, bispo de Macau, de vários sacerdotes e de um grande número de fiéis. É acompanhada pela Banda de Música das Forças de Segurança, tocando, entre outras composições, a marcha fúnebre. Segue o caminho da “via dolorosa”, que representa o percurso de

Jesus Cristo, do Pretório ao Calvário, referido na Bíblia.

A Procissão tem início na igreja de Santo Agostinho e dirige-se à igreja da Sé Catedral, cumprindo o percurso inverso no segundo dia. Em designadas estações da “via-sacra”, no percurso de regresso, uma mulher interpreta o papel de Verónica, entoando um cântico triste, enquanto um padre e os fiéis respondem com preces e cânticos, criando uma atmosfera de pesar.

A Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos tem uma longa história em Macau. Remonta a 1708, sendo um evento religioso característico e representativo da cidade. ©

Instituto Cultural – Texto editado



MISSA DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS EM MACAU – D. Stephen Lee no momento do rito da imposição das cinzas, por ocasião da missa que marca o início do período da Quaresma, celebrada pelo bispo de Macau na igreja da Sé Catedral. [FOTO: Jasmin Yiu]

CONHECER AS LEIS DE MACAU

Regras respeitantes a tutor (segunda parte)



NA SEMANA passada, apresentámos as regras sobre o tutor, incluindo direitos e deveres do tutor e as formas de designação, entre outros conteúdos. Hoje, continuamos a dar a conhecer outras regras ligadas ao tutor.

Nos termos do Código Civil, a tutela, além de ser exercida por tutor, é também exercida pelo conselho de família. O conselho de família, em relação ao tutor, é um “órgão fiscalizador”, competindo-lhe vigiar o modo por que são desempenhadas as funções do tutor. A fiscalização da acção do tutor é exercida com carácter permanente por um dos vogais do conselho de família, denominado legalmente protutor. Além de fiscalizar a acção do tutor, compete ao protutor cooperar com o tutor no exercício das funções tutelares, bem como substituir o tutor nas suas faltas, entre outros.

O conselho de família é constituído por dois vogais e pelo agente do Ministério Público. Os referidos dois vogais devem ser escolhidos entre os familiares do menor. Na falta de familiares apropriados, cabe ao tribunal escolher os vogais do conselho de família entre os amigos dos pais, vizinhos ou outras pessoas que possam interessar-se pelo tutelado.

Por outro lado, em caso de incumprimento, por parte do tutor, da sua responsabilidade de tutela, a legislação prevê regras para a sua remoção. Assim

quando o tutor falte ao cumprimento dos deveres próprios do cargo ou revele inaptidão para o seu exercício, ou ainda quando por facto superveniente à investidura no cargo, o tutor se constitua nalguma das situações que impediriam a sua nomeação, como por exemplo, se não cuidar bem do menor ou não prestar boa educação ao mesmo, pode ser decretada a remoção do tutor pelo tribunal, ouvido o conselho de família, a requerimento do Ministério Público ou de qualquer parente do menor, entre outros.

Para além de remoção, a legislação também prevê regras para a exoneração do tutor. Nalguns casos, o tutor pode, a seu pedido, ser exonerado do cargo pelo tribunal, tais como, sobrevier alguma das causas de escusa após a investidura no cargo (por exemplo: não ser possível continuar a exercer as funções tutelares em virtude de doença ou dificuldades económicas que surjam depois de ser designado tutor). Neste contexto, o tutor pode apresentar junto do tribunal o seu pedido de exoneração do cargo. ■

Obs.: O presente texto tem como referência principal o disposto nos artigos 1781.º a 1790.º, 1804.º a 1816.º do Código Civil.

Texto fornecido pela Direcção dos Serviços
de Assuntos de Justiça



VATICANO E O MUNDO

Ferir os pés no caminho...

CARLOS FROTA

1. Remexo-me desconfortavelmente no sofá, continuando a olhar fixamente para a televisão. George Pell. O nome não me diz nada, monólogo eu. Cardeal. Australiano. Um mundo, uma realidade de que conheço muito pouco.

E depois o choque: pela primeira vez, um alto dignitário da Igreja é condenado e detido.

Vejo o prelado de cabeça baixa, no meio dos jornalistas, barulhentos e ansiosos por lhe extorquirem algumas palavras. O seu sofrimento interior só ele o poderá avaliar. Do sofrimento das suas vítimas inocentes, só cada uma delas poderá igualmente descrever o calvário.

E, como brusca contraposição, pela minha mente perpassaram imagens de tantos sacerdotes que marcaram positivamente a minha formação como criança, como adolescente e como jovem universitário. Gente de bem, em todos e cada um encontrei sucessivamente a abertura para a espiritualidade. A informação lúcida perante as dificuldades do caminho a seguir. E, já na Faculdade, neles identifiquei os protagonistas do debate riquíssimo sobre a Igreja, a Sociedade e o Homem, por ocasião do encerramento do Concílio Vaticano II.

Todos esses homens da Igreja, pessoas boas e generosas que cruzaram a minha vida, eram gente comum, heróis só talvez das suas batalhas interiores, como qualquer ser humano. Mas eram pessoas inseridas completamente no seu e nosso mundo, de modo normal, isto é, conforme ao seu múnus de sacerdotes, naqueles tempos e naqueles lugares.

2. No plano da minha formação religiosa, mas também intelectual, o que me deram eles que me tenha ficado como alicerces para a construção do adulto em que me tornaria? Vem-me de súbito à mente a figura singularíssima



do Senhor D. Manuel Vieira Pinto (o padre Manuel, muito simplesmente), que viria a ser uma figura carismática da Igreja de Moçambique, como bispo de Nampula.

Do seu testemunho extraordinário, no contexto do “Movimento Por Um Mundo Melhor”, colheria eu a lição de como o sobrenatural se pode inscrever no quotidiano o mais anódino, se ousarmos abrir-lhe a porta. Nem que seja ao de leve...

A Doutrina Social da Igreja, por outro lado, constituiria uma orientação decisiva para as minhas futuras opções políticas, onde a referência democrata-cristã se foi consolidando, por oposição à tentação (para muitos) dos extremos.

O sentido social da propriedade privada e da empresa, os direitos dos trabalhadores, a dignidade da mulher, a crítica global de sistemas económicos desrespeitadores da Pessoa Humana, tudo isso se inscreveu, em mim, não apenas através da leitura, mas do debate com sacerdotes esclarecidos.

Se aos Pontífices de toda a minha vida consciente, desde Pio XII, devo referências simbólicas (mesmo afectivas) fortes, aos três Papas mais recentes, João Paulo II, Bento XVI e Francisco devo

a extrema coragem e lucidez de nos proporem uma leitura do nosso tempo segundo os Evangelhos. E de nos guiarem com o seu exemplo.

3. A nossa Igreja vive momentos difíceis, é verdade. Poderá ela continuar a levar a cabo a sua missão insubstituível? Não tenho qualquer dúvida. A Igreja, mesmo com os pés feridos, caminha. Foi esse o sentido que quis dar a este texto. E essa é não só a esperança, mas a certeza de milhões de pessoas, em todo o mundo. E, para desprazer de muitos, a Igreja está e estará em todos os combates pela dignidade humana. Mas são muito grandes os desafios hoje, não só para a Igreja, mas para o mundo.

Continuando a reflectir, procuro uma imagem unificadora do nosso planeta e só encontro paisagens fragmentadas, compostas dos nossos infindáveis conflitos.

São as ambições que se chocam entre poderes mundiais. São nacionalismos feridos no passado e que agora sentem ter chegado a sua hora de dignidade e de afirmação.

São recentes hegemonias que se vêem ameaçadas nas suas posições de domínio, julgadas até aqui de direito divino. Aliás, a frequente introdução de invocações

religiosas no actual discurso político, em países de tradição liberal democrática, não disfarça a vontade de algumas forças sociais de reatarm as suas relações com o sobrenatural... à sua maneira.

Noutro registo, imperam as diversas formas de luta pelo que muitos designam como emancipação do homem de valores caducos, de ética antiga, julgada discriminatória. E isto para além do velhíssimo combate pela erradicação de preconceitos multisseculares, desde o racismo a todos os outros “ismos”.

Perante a degradação da política, quer do discurso, quer da prática, em nações consideradas até há pouco como faróis do desenvolvimento humano e social, uma nova luta surge, impõe-se mesmo, urgente e desesperada: a da reabilitação do sentido de Dever e de Serviço, em prol da comunidade, tornando dominante, de auto-engrandecimento e afirmação pessoal que muitos puseram no lugar dos valores.

E sociedades sem valores, sabe-se, estão condenadas a morrer.

4. Mas, depois, reparo melhor e o que observo constitui um traço comum

a todas as comunidades humanas: esse mesmo desejo de felicidade individual e colectiva que irmana homens e mulheres de todas as raças e culturas, de todos os idiomas e dialectos, de todas as latitudes e longitudes.

Para além do modo de nos vestirmos, de nos saudarmos, de comermos, de organizarmos o nosso espaço privado, de trabalharmos, de rezarmos, de educarmos os filhos – algo nos irmana e é fundamental: o desejo de nos realizarmos como seres humanos e de sermos felizes.

Não importa o modo como respondemos, diferentemente, a esse apelo, mas ele existe no coração de cada um de nós.

Os princípios fundamentais desse objectivo universal comum estão plasmados na recente Declaração de Abu Dhabi sobre a Fraternidade Humana, de que foi co-signatário o Papa Francisco.

Mas é também o Santo Padre que sabe serem as falhas humanas tão universais como o desejo de felicidade. O seu discurso de encerramento do Sínodo sobre a Protecção de Menores é uma notável lição sobre a persistência de um mal de todos os tempos e lugares, o abuso sexual de crianças e adolescentes que, como disse, não desculpa nunca aqueles que, dentro da Igreja, abusam da sua posição de poder, mas coloca o problema no seu contexto mais lato. O das diferentes culturas e civilizações. E, no tempo actual, o que ocorre em variadíssimas instituições da sociedade, muito mais resguardadas pelo olhar falsamente pudico de tantos.

5. A uma sociedade hiperinformada e por isso hipercrítica tem que corresponder a total transparência. Só ela pode robustecer a fidelidade dos crentes, mas antes de tudo a da Igreja em si própria.

E com mais este grande desafio transposto, dos tantos que já conheceu na História, a Igreja continuará a caminhar. Mesmo com os pés feridos, mesmo com os pés em chagas, mas continuará.... ■

MEMÓRIA PORTUGUESA NO NORDESTE DA ÍNDIA E NO BANGLADESH

Agostinhos e outros moradores



JOAQUIM MAGALHÃES DE CASTRO
joaquimcastro@oclarim.com.mo

O ESTABELECIMENTO dos mercados portugueses em Dacca, em cerca de 1580, surgiu como consequência natural da solidificação da sua presença em Hugli, a poucos quilómetros da actual Calcutá. O negócio maior ali eram os panos, sobretudo as apetecidas musselinas ainda hoje tecidas ao ar livre por centenas de artesãos do linho e do algodão. Era esse produto vastamente procurado tanto na Europa – fosse nos palácios dos doges de Veneza ou na corte de Lisboa – como em Malaca, Goa ou até mesmo nos sultanatos de Samatra. Com os mercadores chegaram os padres a quem o magnânimo Achar prendaria com terras onde aqueles de pronto edificaram as suas igrejas. O processo teve os seus contratempos, pois aos nativos recentemente islamizados horrorizava o facto dos portugueses consumirem carne de porco e beberem licores inebriantes. Porém, uma vez mais, claramente o imperador mogol se posicionaria ao lado dos seus amigos lusitanos e de-

cretado ficou, com selo real e tudo, que nos seus domínios nada de males aconteceria.

O viajante italiano Cesare Federici, por exemplo, foi encontrar o nababo de Dacca em excelentes termos com os mercadores lusos e, século e meio depois era a vez do francês Tavernier entrar numa igreja dos Agostinhos, feita de tijolo e de “muito bom acabamento”. Ora, o templo ainda lá está. Trata-se da igreja de Nossa Senhora do Rosário, edificada em 1599, embora no frontispício esteja a data de 1677 – provavelmente a assinalar obras de melhoramento – e sobre ela já aqui falamos. É porventura a única relíquia arquitectónica de origem portuguesa na capital do Bangladesh, já que das ruínas da nossa antiga feitoria nas proximidades da igreja, ainda visíveis nos primórdios do século XX, como nos informa o investigador Joachim Joseph António de Campos (1893-1945) no seu “History of the Portuguese in Bengal” – obra de referência que doravante servirá de referencial bibliográfico e fonte de informação a estes textos – nenhum dos actuais paroquianos parece ter conhecimento. Contudo, no já distante 1919, ano da publicação da citada obra, os vestígios do entre-

posto português mostravam sinais de resistir à passagem dos tempos, contrariamente aos congéneres holandeses, franceses e até ingleses, há muito já desaparecidos. A respeito dessa ruína escrevera o seguinte Bradley-Birt, no seu livro “Dacca – The Romance of an Eastern Capital”, publicado seis anos antes: “Tudo o que resta das feitorias estrangeiras de Dacca é um pedaço de uma casa que outrora serviu de sede comercial aos portugueses. Era certamente, no seu tempo, um belo e cómodo edifício, porém, como tudo nesta cidade há muito adormecida, não passa agora de uma tênue lembrança dos gloriosos dias de antanho”.

Joaquim J. A. Campos vai buscar as suas raízes a Goa (a Arjuna, mais propriamente), sendo portanto, à época, tecnicamente português e apresentava-se como editor conjunto da *The Century Review*, membro da Sociedade Asiática de Calcutá, etc., etc. A respeito da obra que nos legou, dizia então a mui conhecida e ainda hoje existente revista *The Spectator*: “Campos recorda-nos, no seu interessante livro, que o Português se tornou a língua franca dos portos orientais e que [o major-general] Clive ‘não conhecia nenhum idioma indígena, mas sabia falar fluente-

mente a língua portuguesa e era com ela que comandava a tropa nativa’. Houve portugueses que pereceram no Buraco Negro [infame prisão de Calcutá]. Eram, na sua maioria, aventureiros que se casavam com as mulheres autóctones. Os missionários converteram muitos milhares de nativos à fé católica romana e baptizaram-nos com nomes portugueses. Podemos encontrar ainda em Bengala um número considerável de descendentes dos casamentos mistos (lusu-Indianos) e dos nativos (feringhis) cristianizados pelos portugueses. É de louvar o esforço da narrativa de Campos, que descreve em detalhe episódios notáveis da história das relações europeias com a Índia”.

Um aviso geral emitido pela secção de administração e inventário do Tribunal Supremo do Quénia (causa nº 114 de 1947), datado de 8 de Agosto de 1945, e publicado na “Official Gazette of The Protectorate of Kenya”, informa-nos que a viúva Matilde Campos autorizava o seu advogado a tratar naquele tribunal de assuntos ligados ao património predial deixado pelo seu marido “Joaquim Joseph A. Campos, residente em Nairobi, recentemente falecido em Bangucoque, no reino de Sião, a 13 de Maio de 1945”. Pelo

citado, intui-se que Campos vido uma significativa presença no Quénia, de resto com outras goeses que naqueles vizinhos Uganda e Tânzânia distinguiriam em múltipla actividade sócio-económica. De facto, ao deparar com o sítio “Galeria dos Tesouros” fico a saber que nos anos seguintes, “formado pela Escola de Bengala em 1916”, mais tarde para a África Inglesa (i.e., Quénia) transferido a Goa em 1934. No ano proferiu duas palestras sobre as antiguidades portuguesas em África Oriental no Instituto da Gama, “de que fora director em 1925”. Acrescenta ainda que se blogue que Campos se tornou cônsul de Portugal em Bangucoque e Sião, “sendo-lhe atribuído o encargo de pesquisas arqueológicas nessa região, em conexão com os feitos das pesquisas paragens orientais”. Não se sabe se Campos escreveu sobre esse assunto, à semelhança do que fez na região do Golfo Pérsico. O Homem extremamente culto e reitor de Castro, no seu livro “Ao Mundo”, refere-se a ele como “prestigioso português de bondade infinita e vasta cultura”. “o médico Joaquim de Campos nomeado pelo Governo português principal conselheiro a cargo da partição de Arqueologia”. Feito este interregno, no limiar da igreja de Nossa Senhora do Rosário, situada no bairro de Dacca, o Tesão dos nossos dias. Estão lá dentro várias múrmures na cabeça. Umas, durante a oração cantando de braços abertos, acendendo velas. Outras, descalças e prostram-se à oração antes de se sentarem nas paredes laterais, muitas vezes com as mãos sobre as cabeças saudáveis contra os horribes ladrilhos brancos e os lápides funerárias com inscrições em Português, Arménio (ou em outras línguas em simultâneo) e em Inglês. Numa delas lê-se: “Aqui jaz Simão Soares. Foi casado com a filha do Rego, o qual faleceu em 1725”. Mesmamente uma lousa no idioma de Dacca re: “Here lies the body of João who departed this life on the 25 of December 1735 years”. Placas mais recentes, em Português, o-

ADESH – 4

es de Tesgão

pos terá vi-
temporada
omo muitos
uele país e
Tanzânia se
las áreas da
ica e cultu-
na Internet
Goeses Ilus-
so persona-
ola Médica
emigraria
ca Oriental
ndo regres-
esse mesmo
stras acerca
guesas na
stituto Vasco
sócio desde
o autor des-
eria nomea-
em Bangu-
e cometido
históricas e
ção relacio-
portugueses
s". Resta sa-
algo sobre
nça do que
de Bengala.
culto – Fer-
vro "A Volta
e como um
de Goa, de
a cultura" –
Campos foi
do Siao seu
dido à Re-
do Siao".
franquemos
ssa Senhora
airro de Te-
os cronistas.
ulheres com
em pose de
ços abertos;
Todas estão
maneira in-
em. Cimen-
is, num gri-
aste com os
cos, antigas
dizeres em
nas duas lín-
ambém em
o seguinte:
Morador de
om Máxima
m 20 de No-
ta igreja dos
sgão a 21 do
no ao lado,
Shakespea-
Ritta Rebe-
e on Thurs-
1806 aged
centes imor-
s nomes de

Elizabeth Cabral, nascida em 1869 e falecida em 1901, e o do reverendo Pio de Souza, vigário de Dacca que faleceu em 1860, e ainda a memória de Pascoal Floriano dos Anjos, "filho amado" do Dr. Clemente Francisco dos Anjos que "partiu deste mundo a 5 de Novembro de 1846 com 52 anos de idade e 5 meses". Informa-nos ainda a placa de mármore ser aquele um "tributo de afecto" da inconsolável viúva Catherina dos Anjos, da sua "sobrinha adoptada" Eliza dos Anjos e do cunhado Basil Demetrius.

As pessoas da época morriam com frequência bastante jovens como o comprava a lápide "In memory Anne D: Jaquena who departed this life the 22 day of April Anno Doms, 1778 aged 21 years". A mortalidade infantil, de tão comum, açambarcava parte significativa da área total das necrópoles. A igreja de Nossa Senhora do Rosário – no caso, na sua função de campo santo – não é excepção como comprova a seguinte inscrição: "To the memory of Constancia, infant daughter to Phillipe & Anna Leal, who departed this life on the 4

September MDCCLXXVIII (1728) aged 3 years 8 months & 22 days".

Algumas destas pedras tumulares obrigam-me a um esforço de decifração suplementar, o que me leva ao bancos da velha Faculdade de Letras da Universidade do Porto e às aulas de Paleografia. Torna-se assim legível um estilizado "Aqui está sepultado Mariano filho de Paulo e Anna Lobo idade de quatro mezes e 22 dias. Faleceu Dacca 28 de Fev 1772".

Para finalizar, três pedras tumulares, por sinal, da mesma família. Uma delas está em muito mau estado e só parcialmente consigo ler: "Aqui está sepultada (...) filha de Ambrosio Joan e de Christina Dormieux. Faleceu idade de 2 anos (...) Dacca 25 Feb. 1772". Uns metros adiante, uma da irmã, um pouco mais velha: "Aqui jaz Christina Rosa Dormieux, filha de Ambrosio João Dorm. e de Christina Dormieux com a idade de 9 anos, dois meses e 20 dias". Há ainda um terceira placa com dizeres em Latim com o nome desta família Dormieux que devia ser bastante influente e, porventura, ter origem judaica. ■



聖母誕辰主教座堂
2019四旬期瞻禮單

Sé Catedral
Rituais da Quaresma 2019

聖灰禮儀
三月六日(星期三)
上午 七時四十五分 (粵語)
下午 六時正 (葡語)
下午 七時正 (粵語)

Missa com Imposição de Cinzas
6 de Março (Quarta-Feira)
De manhã 07:45 horas (Cantonês)
À tarde pelas 18:00 horas (Português)
À tarde pelas 19:00 horas (Cantonês)

拜苦路
三月六日 下午三時正 及 八時正
四旬期第一主日後
逢星期三 下午 三時正
逢星期五 下午 七時三十分

Via Sacra (Português)
toda quinta-feira
À tarde pelas 17:00 horas

苦難善耶穌遊行
三月九日 (星期六)
禮儀始自下午六時正
出遊路線 (聖奧思定堂至主教座堂)

Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos
9 de Março (Sábado)
À tarde pelas 18:00 horas,
da Igreja de S. Agostinho até Sé Catedral

三月十日 (星期日)
禮儀始自下午四時正
出遊路線 (主教座堂至聖奧思定堂)

10 de Março (Domingo)
À tarde pelas 16:00 horas,
da Sé Catedral até Igreja de S. Agostinho

甄選禮
三月十日(星期日)
上午 九時十五分

(堂區)	(教區)	(堂區)
候洗者第一次考核禮	候洗者培育及第二次考核禮	候洗者第三次考核禮
三月十七日(星期日)	三月三十一日(星期日)	四月七日(星期日)
上午 九時十五分	下午 二時三十分	上午 九時十五分

堂區退省
四月十二日(星期五)
下午 六時正
至
四月十三日(星期六)
下午 七時正
地點: 聖若瑟靜修院 (竹灣)
費用: 每位100元
報名請電: 28373643



堂區候洗者及代父母退省
三月二十四日(星期日)
上午 十一時正
至
下午 三時正
地點: 聖若瑟二三校小聖堂
(主教府車道入口)



聖若瑟大學
UNIVERSITY OF
SAINT JOSEPH



聖若瑟教區中學第六校
COLÉGIO DIOCESANO DE SÃO JOSÉ 6

Daily Mass in the Ilha Verde Campus

MASS TIME
Mondays to Fridays at 18:30
Except for USJ Students' holidays

VENUE
Campus Holy Cross Chapel
Estrada Marginal da Ilha Verde, 14-17

SEVERE WEATHER
Please refer to the Diocesan Pastoral Guide issued in Sept 2017

INQUIRY
8592 5699



HORÁRIO DAS MISSAS

(DOMINGOS E DIAS SANTOS)

7:00 horas	—	Fátima (C)
7:30 horas	—	S. Lourenço e St.º António (C)
7:30 horas	—	S. Lázaro (C)
7:45 horas	—	Sé (C)
8:15 horas	—	S. Francisco Xavier Mong-Há (C)
8:30 horas	—	N.ª Sr.ª do Carmo Taipa (C)
9:00 horas	—	S. Lourenço; Fátima (C); St.º António (C)
9:15 horas	—	Penha
9:15 horas	—	Sé Catedral (C)
9:30 horas	—	S. Lázaro (C); S. Agostinho (I); S. Francisco Xavier (Mong-Há) (C); S. José Operário (C)
10:00 horas	—	S. Francisco Xavier Coloane (I, C); N.ª Sr.ª do Carmo Taipa (I)
11:00 horas	—	Seminário S. José (Tagalog); St.º António (P)
11:00 horas	—	Sé (P); Hospital de S. Januário (P);
11:00 horas	—	S. Lázaro (I); S. Agostinho (Tagalog)
11:15 horas	—	Instituto Salesiano (I); N.ª Sr.ª do Carmo Taipa (P)
12:00 horas	—	Fátima (I)
16:00 horas	—	St.º António (K)
16:30 horas	—	Fátima (Vietnamita) S. Agostinho (I)
17:00 horas	—	Sé (I)
17:00 horas	—	S. Lourenço (Bahasa Indonésio)
17:30 horas	—	S. José Operário (I); St.º António (P) (Terça)
18:00 horas	—	S. Fr. Xavier Mong-Há (C); S. Lázaro (P)
18:30 horas	—	Sé (I); S. Agostinho (I); St.º António (I)
20:00 horas	—	S. Lourenço (I)
20:30 horas	—	S. José Operário (M)

MISSAS ANTECIPADAS

17:00 horas	—	S. Domingos (P)
17:30 horas	—	S. Fr. Xavier Mong-Há (I)
18:00 horas	—	Sé (P)
18:30 horas	—	N.ª Sr.ª do Carmo; St.º António (I)
	—	Taipa (I)
19:00 horas	—	S. Lázaro (C)
20:00 horas	—	Fátima (C)
20:00 horas	—	S. Lourenço (I)

ABREVIATURAS

C - Em Cantonense I - Em Inglês
M - Em Mandarim P - Em Português K - Em Coreano

1º DOMINGO DA QUARESMA – Ano C – 10 de Março

Jesus é tentado pelo demónio

INTRODUÇÃO ÀS LEITURAS

O propósito da Quaresma é de nos ajudar a viver com maior plenitude o mistério de Cristo (Oração da Colecta). Nesse mistério apenas se pode entrar através da fé. Por isso, o livro do Deuteronomio (PRIMEIRA LEITURA: Dt., 26, 4-10) fala-nos da fé do povo escolhido

por Deus, que o tinha libertado da opressão. Este é o resumo da nossa fé cristã em Jesus ressuscitado (SEGUNDA LEITURA: Rm., 10, 8-13); o mesmo Jesus que vemos manifestar-se como Filho de Deus (EVANGELHO: Lc., 4, 1-13), não por que tenha o poder de fazer os milagres que o diabo lhe sugere, mas por reivindicar as honras de Deus.

Se fôssemos... a Quaresma seria...

Se fôssemos **automóveis**, a Quaresma seria o tempo de afinar o óleo e afinar o motor.

Se fôssemos **jardins**, a Quaresma seria o tempo para fertilizar o nosso terreno e dele arrancar as ervas daninhas.

Se fôssemos **tapetes**, a Quaresma seria o tempo para lhes dar uma boa aspiradela, ou uma boa sacudidela.

Se fôssemos **baterias** (acumuladores), a Quaresma seria o tempo para recarregá-las.

A verdade, porém, é que não somos nenhuma destas quatro coisas.

Somos pessoas, que muitas vezes talvez tenhamos feito coisas más, pelo que **sentimos necessidade de nos arrepender delas**, o que quer



dizer que temos necessidade de **fazer uma boa confissão**.

Somos pessoas que, muitas vezes, nos deixamos levar pelo nosso egoísmo e que, por isso, precisamos de começar a pensar nos outros. O que significa que temos de aprender a **dar esmola**.

Somos pessoas que, muitas vezes, podemos perder de vista o fim para que fomos criados por Deus. Preci-

samos, pois, de recuperar a nossa visão das coisas e, daí, a **necessidade de rezarmos**.

Este é o sentido que nos é proposto para a vivência da Quaresma.

É por isso que, na oração colecta da missa de hoje pedimos a Deus que as práticas anuais próprias da Quaresma nos ajudem a progredir no conhecimento de Cristo e a levar uma vida mais cristã.

QUARESMA

«Viagem de regresso ao essencial»

O PAPA Francisco presidiu à Missa de Quarta-feira de Cinzas, em Roma, e afirmou na homilia que os quarenta dias de preparação para a Páscoa correspondem a uma «viagem de regresso ao essencial», libertos de «pesos embaraçantes».

«A Quaresma é o tempo para reencontrar a rota da vida», disse o Papa na igreja de Santa Sabina, onde decorreu a celebração da missa no primeiro dia da Quaresma.

Para o Papa, o rito da imposição das cinzas na cabeça é «um sinal» que ajuda a «encontrar a rota» e para fazer pensar naquilo que cada pessoa traz na cabeça.

Francisco referiu que os pensamentos seguem muitas vezes «coisas passageiras, coisas que vão e vêm»



e os grãos de cinza dizem «com delicadeza e verdade» que «nada restará» de tantas dessas coisas.

«A cultura da aparência, hoje dominante e que induz a viver para as coisas que passam, é um grande

engano. Pois é como uma fogueira: uma vez apagada, ficam apenas cinzas», afirmou o Papa. «A Quaresma é o tempo para nos libertarmos da ilusão de viver correndo atrás de pó», acrescentou.

Na «viagem de regresso ao essencial», a Quaresma propõe «três etapas» a «percorrer sem hipocrisia nem ficção»: «a esmola, a oração, o jejum». «A esmola, a oração e o jejum reconduzem-nos às únicas três realidades que não se dissipam. A oração liga-nos a Deus; a caridade, ao próximo; o jejum, a nós mesmos», explicou o Papa.

Na homilia da Missa de Quarta-feira de Cinzas, o Papa acentou que a Quaresma «é tempo de graça para libertar o coração das nulidades» e de «de cura de dependências».

«Carregados com pesos embara-

çantes, nunca iremos para diante. Precisamos de nos libertar dos tentáculos do consumismo e dos laços do egoísmo, de querer sempre mais, de não nos contentarmos jamais, do coração fechado às necessidades do pobre», sublinhou.

Francisco lembrou que a Quaresma começa com as cinzas, mas leva no final «ao fogo da noite da Vigília Pascal». «O mesmo vale para nós, que somos pó: se voltarmos ao Senhor com as nossas fragilidades, se tomarmos o caminho do amor, abraçaremos a vida que não tem ocaso», concluiu o Papa.

A Quaresma é um tempo da liturgia católica de preparação para a Páscoa, a maior festa para os cristãos que celebra a ressurreição de Jesus. ■

TEOLOGIA, UMA DENTADA DE CADA VEZ (22)

O que é o Método Histórico-Crítico?

PE. JOSÉ MARIO MANDÍA

A 30 DE Setembro de 1943, o Papa Pio XII publicou a encíclica “Divino Afflante Spiritu” (“Inspirado pelo Espírito Santo”), a qual aceita o uso da crítica textual para examinar não apenas os conteúdos da Bíblia, mas também a autoria, a sua cronologia e outros detalhes técnicos de cada um dos livros sagrados.

A 18 de Novembro de 1965, o Papa São Paulo VI promulga a constituição dogmática da Divina Revelação – “Dei Verbum” (“A Palavra de Deus”). Este documento confirma a necessidade do uso do Método Histórico-Crítico. E porquê? Porque quando Jesus Cristo se tornou homem (encarnou), Ele passou a fazer parte da História da Humanidade. Como disse o Papa Bento XVI, «a História da Salvação não é um mito, mas sim uma história real, e por isso deve ser estudada conjuntamente com métodos sérios de pesquisa histórica» (discurso aos Bispos, a 14 de Outubro de 2008).

Conforme vimos anteriormente, em TEOLOGIA, UMA DENTADA DE CADA VEZ (nº 20), o Catecismo da Igreja Católica já reiterava a importância do Método Histórico-Crítico.

“A Palavra de Deus”, no entanto, veio enfatizar que a interpretação histórico-crítica não é suficiente. De novo, em



TEOLOGIA, UMA DENTADA DE CADA VEZ (nº 20), já havíamos visto como o Catecismo da Igreja Católica também nos lembra este ponto: “A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada à luz do mesmo Espírito com que foi escrita (‘Dei Verbum’, 12)”. Por conseguinte isto explica a forma tripartida da interpretação correcta da Bíblia, igualmente referida no Catecismo da Igreja Católica.

O primeiro destes critérios – ter em conta a unidade da Escritura (a Bíblia não se contradiz a si mesma) – é denominado de “exegese canónica”. O Papa Bento XVI salientou em “Jesus de Nazaré. Do Baptismo

à Transfiguração”, que a exegese canónica foi desenvolvida por estudiosos americanos, para lerem textos isolados, no seio do conjunto da Escritura, a qual por si lança uma nova luz sobre todos os textos isolados. Este método surge da Fé, e não da Ciência Humana. Podemos chamar a isto de “método teológico”, sendo importante que seja usado em conjunto com o Método Histórico-Crítico.

O Papa Bento XVI afirmou no mesmo discurso aos bispos que «apenas quando dois níveis metodológicos, o histórico-crítico e o teológico, são observados, é que alguém pode falar de exegese teológica; de uma exegese adequada a este

Livro [Bíblia]».

E qual é o presente estado da exegese bíblica? O Papa Bento XVI explicou também na ocasião: «Enquanto que no primeiro nível o trabalho exegético académico está a ser feito num padrão extremamente elevado e proporciona-nos apoio real, o mesmo não se pode dizer do outro nível. Muitas vezes, este segundo nível, que consiste nos três elementos teológicos mencionados em “Dei Verbum”, parece estar quase ausente. E isto tem consequências bastante graves». E continuou: «A primeira consequência da ausência deste segundo nível metodológico é que a Bíblia se transforma num simples livro de histórias. Consequências morais

podem ser retiradas desse facto. A história pode ser por ele aprendida, mas um livro como este fala apenas de factos históricos e a exegese deixa de ser realmente teológica – antes se transforma num livro puramente historiográfico, literalmente histórico. Esta é a primeira consequência. A Bíblia fica no passado; fala-nos apenas do passado».

A segunda consequência é ainda mais grave. Onde os hermenêuticos da fé no “Dei Verbum” desaparecem, surge outro tipo de hermenêuta, por necessidade secularista ou positivista. Estes estão convictos que o Divino não aparece na História da Humanidade. De acordo com estes hermenêutas, quando parece existir um elemento divino, a origem dessa “impressão” deve ser explicada, reduzindo assim tudo ao elemento humano. O resultado é haver espaço para interpretações que neguem a verdade histórica dos elementos divinos. Hoje em dia a tendência principal, na Alemanha, por exemplo, é negar que o Senhor tenha instituído a Sagrada Eucaristia, e afirma que o Corpo de Cristo continua na sepultura. A Ressurreição, neste ponto de vista, não foi um acontecimento histórico, mas apenas uma visão teológica. Isto acontece porque os hermenêutas da fé estão em queda. Por outro lado, os hermenêutas filosóficos profanos afirmam-se, o que reduz a possibilidade da entrada e da presença do Divino na História. ■

DIA INTERNACIONAL DA MULHER (8 DE MARÇO)

Recordamos Guadalupe Ortiz de Landázuri

SUSANA MEXIA (*)

UMA mulher pioneira – Guadalupe Ortiz de Landázuri foi sempre uma pioneira em vários aspectos da sua vida. Única rapariga da sua turma no colégio de Tetuán, foi uma das cinco que em 1933 se matricularam em Química na Universidade Central de Madrid, e uma das primeiras a seguir São Josemaría Escrivá no seu empenho na difusão do chama-



mento universal à santidade de todos os cristãos leigos. Mais tarde, lançou-se na travessia do Atlântico para levar esta mensagem de santidade até ao México. Regressada a Espanha, dedicando-se à docência e à investigação, defendeu a sua tese de doutoramento.

No Círculo Eça de Queiroz, no Chiado, em Lisboa, foi lançado, no dia 19 de Fevereiro, o livro “Livre para amar”, de Cristina Abad, edição Lucerna (chancela da Principia). Trata-se de uma biografia breve de Guadalupe Ortiz de Landázuri, a qual será também a primeira

leiga do Opus Dei que chega aos altares. O Santo Padre aprovou o milagre prévio à beatificação, a qual terá lugar em Madrid, sua cidade natal, no sábado, 18 de Maio de 2019, aniversário da Primeira Comunhão desta próxima beata.

Em tempos de conciliação entre a vida profissional, a família, as exigências culturais, a sociedade e a vida espiritual, este exemplo poderá ser uma inspiração para conseguir alcançar metas mais abrangentes, exigentes e complementares. ■

(*) Professora



CISMAS, REFORMAS E DIVISÕES NA IGREJA – XCVII

O Panteísmo – II

VÍTOR TEIXEIRA (*)

O ser é em si portador de bem e de mal, logo como pode ser divino? Não será o Panteísmo uma forma camuflada de Teísmo? Estas e outras questões assaltam o ser humano quando se interroga acerca do Panteísmo, dessa presença de Deus em tudo ou do tudo que é Deus. A dúvida e a desorientação parecem dominar os indivíduos quando se deparam com estas interrogações. O ser humano procura alguma segurança em relação ao que acredita, mas parece que quando tudo diviniza fica perdido e sem respostas.

O SER não é divino, como o panteísmo não é uma forma camuflada de teísmo, respondendo de forma objectiva em primeiro lugar. Respondendo de forma geral, podemos começar por referir que o teísmo implica em si a crença numa entidade que é maior e mais antiga que o Universo. Para o panteísmo, esta distinção não existe, esta dualidade, ou a crença em algo superior. Se usarmos a terminologia teísta, podemos afirmar que Deus está no Universo, na mesma medida em que o Universo está em Deus, o que os torna um só. Não se pode considerar o panteísmo como uma forma camuflada de ateísmo, pois tal como o ateísmo e o

humanismo, o panteísmo recusa a existência de uma entidade sobrenatural distinta e separada do Universo.

Mas se atentarmos, o ateísmo baseia-se numa negação, da existência de Deus, não apresentando muitos mais argumentos senão este. Por seu turno, o humanismo, na sua confiança total no ser humano, tem procurado estabelecer uma filosofia positiva, mas toda ela tendencialmente centrada no homem e na sua suposta superioridade. Já o panteísmo defende que se deve ir mais além, numa perspectiva pretensamente mais positiva e espiritual em direcção ao Universo e à Natureza.

O PANTEÍSMO É UMA FILOSOFIA DE VIDA OU UMA RELIGIÃO?

A palavra “religião”, de forma simples e concisa, refere-se à crença e fé num ou mais deuses, ao culto que se presta a essa(s) divindade(s). Assim, o panteísmo, à luz dessa ideia de religião, não se pode aí incluir. Mas naturalmente temos que entender a religião num plano mais abrangente, para lá do culto, do ritual ou da mera submissão, ou seja, englobando filosofia, ética e espiritualidade, moral enfim. Nesta asserção, os panteístas consideram que esta sua crença, o panteísmo, é uma religião, ou uma forma desta. Alguns assumem-na de forma plena e total.

Mas claro, a religião hoje em dia é, para muitas pessoas, algo que assume uma conotação negativa, seja por desconhecimento ou ignorância, seja por acidente ou memória trágica, seja por fadiga, ou seja, simplesmente, por confundir a árvore com a floresta, ou vice-versa, quando não por desinformação. O desencanto domina, a vontade de fugir de tudo o que seja religião ou religioso, distanciamento em relação ao espiritual que implique persistência, resiliência e sacrifício, renúncia e despojamento, alteridade e interioridade. As correntes religiosas actuais nem sem-

pre oferecem as melhores respostas ou congregam de forma plena. Por isso, as pessoas ou se afastam delas ou metamorfoseiam-nas com novas formas de religião, ou de crença, ou de recusa. E transformam nesse grande chavão universal ou saco sem fundo que é a expressão “filosofia de vida”. Como fazem muitos com o panteísmo. E tantos “ismos” mais.

E outros “ismos” vão surgindo, confundindo, sobrepondo-se, aglutinando ou pretensamente dando respostas que não são mais que novas perguntas, dúvidas e até enganos. Muitos, por exemplo, confundem panteísmo com panenteísmo. Panteísmo é quando Deus é o Universo na mesma medida em que o Universo é Deus. Já para o panenteísmo Deus comporta em si a totalidade do Universo, tudo o que nele existe, mas não a totalidade de Deus, pois Deus é maior que o Universo. No todo do panteísmo, sobre um algo que é a totalidade de Deus, maior que o Universo. Este Deus panenteísta está próximo do teísmo, tendo também personalidade e vontade própria, preocupando-se de forma especial e carinhosa com o ser humano. Já o conceito de Deus no panteísmo acaba por ser apenas uma mera analogia, quando nos referimos aos atributos e qualificativos de divindade universal.

Uma das conexões que se faz ao panteísmo é com o paganismo. Este último defende, ou acredita, que o divino, ou a(s) divindade(s) – o politeísmo é uma das marcas do paganismo –, se manifesta(m) na Natureza, no Universo no seu todo. Os panteístas afastam-se do paganismo por causa dessa acção e principalmente do facto de ser em múltiplo, politeísmo... Mas muitos pagãos são panteístas, todavia, pois o politeísmo é considerado como uma espécie de metáfora da divindade universal.

Por falar em religião, será que os panteístas crêem na vida após a morte? Ou mesmo na existência de “alma”? Respondem sempre os panteístas que o panteís-

mo não é feito de dogmas ou de princípios absolutos, além de não terem nenhum livro ou textos, constituições, de carácter sagrado, revelado. Algumas “formas” de panteísmo não rejeitam a crença numa alma que se mantém para além da morte do indivíduo, mas a maioria dos panteístas na actualidade defendem que a mente faz parte do corpo. Este quando morre, dissolve ao mesmo tempo a mente, conceito no qual se pode encaixar a alma. O relativismo é para muitos uma das marcas de definição do panteísmo, que se multiplica em várias correntes e sensibilidades, sem princípios absolutos.

O panteísmo é a opção por um caminho que conduz o ser humano, intimamente, à aceitação da vida tal como ela é de facto, sem mais do que a própria vida e esgotando-se nesta. Os panteístas encaram a natureza de uma forma quase religiosa, mesmo sem o assumirem, enaltecendo o seu poder, imensidão e mistério, toda a sua complexidade e universalidade. Não a vêem como sinal da glória de Deus, ou de deuses, de um criador. O mundo não é apenas uma passagem para outra dimensão, é o zénite do panteísta. Lutar pela Terra e defendê-la é uma forma de luta, de respeito e preocupação em relação a todos os que vivem na natureza, uma forma de “ecologismo”, dir-se-ia. Muitos chegam ao panteísmo precisamente pela via ecologia, mesmo sem saber de onde vêm ou para vão. Os panteístas projectam a sua existência na vida e na Terra, na natureza, no lugar onde estão, o qual é o objecto da sua “veneração”.

Mas, afinal, o que é que torna o panteísmo como uma “heresia”, ou quase, para o Universo de muitas religiões estruturadas, na actualidade? Será o panteísmo um desvio para o ateísmo absoluto, enquanto forma de degradação, ou desvalorização do divino, do transcendente? ■

(*) Universidade Católica Portuguesa

No céu estrelado encontro a paz suprema

JOÃO SANTOS GOMES

QUANDO me perguntam por que escrevo, nunca sei bem o que responder. Por vezes, penso que escrevo porque foi esse o caminho que escolhi a nível profissional. Daí ter estudado jornalismo. E tal leva-me a pensar que escrevo porque é o meu trabalho. Assim foi durante alguns anos, mas agora – pensando melhor – concluo que a razão é outra. Talvez escreva, não por obrigação ou trabalho, mas porque simplesmente preciso de escrever para que os meus leitores fiquem a saber, pelas minhas palavras, aquilo que estou a viver.

Esta ideia, de vos transmitir emoções, não me sai da cabeça durante a passagem nocturna entre Long Island e Cat Island, nas Bahamas. Está a ser das viagens mais calmas realizadas até hoje [espero não me arrepender destas palavras, visto que esta crónica está a ser escrita a meio do trajeto e a altas horas da noite]. Velejamos a uma velocidade constante de apenas dois nós, rumo ao destino que ainda está a mais de trinta milhas. O mar nem se sente; com o brilho do luar parece um lago eterno, bordejado de pequenas luzes na periferia de Long Island. Mas o que realmente me cativa é olhar para cima, para o céu, onde encontro a paz suprema.

É difícil tentar explicar-vos o que se vê. São milhões e milhões de pontinhos brilhantes num fundo negro. Hoje, particularmente, com uma lua que surgiu à meia-noite alaranjada, em-



prestando um tom ainda mais místico a toda esta paisagem nocturna. Se me conseguisse abstrair da NaE e da Maria, que dormem o sono dos justos – há muito merecido –, facilmente conseguiria entrar em transe, ouvindo apenas os barulhos das adriças a esticar e a encolher com os pequenos sopros de vento, que gentilmente vão esticando as velas e empurrando o Dee para o destino. O murmurar das ondas, tão baixinho que quase não se ouve, e ocasionalmente o barulho das madeiras vindo do interior do veleiro, num ranger que acompanha o movimento do casco de fibra, são os únicos ruídos que me mantêm acordado e lúcido.

É certo que desta vez não vos

escrevo a falar de locais ou de gentes. Escrevo a falar daquilo que estou a viver neste momento e que sinto necessidade de convosco partilhar.

Desde a nossa saída de Aruba que velejamos quase de forma tradicional, apenas recorrendo a ajuda electrónica de navegação. O piloto automático há muito que não trabalha (estava a consumir bateria a mais), pelo que temos de estar sempre ao leme. Tal obriga a um esforço extra, especialmente em dias de mais vento ou de mau tempo. Nos restantes dias e noites quase não é preciso tocar no leme. Com as velas balanceadas, o Dee desliza no mar chão.

Estamos em direcção à costa da Flórida, nos Estados Unidos.

Já percorremos quase meio caminho. Em breve deveremos chegar ao destino. Se demorar mais do que o previsto, também não há qualquer problema. Segundo a nossa filosofia de vida, a viagem é para desfrutar, sem pressa de a concluir.

A foto de hoje em nada transcreve ou se relaciona com o que estou a viver neste momento. Por isso, peço-vos que pensem numa noite estrelada, numa qualquer aldeia ou vila de Portugal, e com os olhos fechados imaginem o leve murmúrio do mar e o suave sabor a maresia nos lábios.

A nossa viagem, que muitos acompanham desde Janeiro de 2014, já teve muitos altos e baixos, muitas alterações de rotas

e de objectivos. Aliás, esta viagem, assim como a nossa vida, vai-se adaptando ao que nos vai surgindo na frente.

Se inicialmente planeámos uma volta ao mundo, com a língua portuguesa e Macau na bagagem, acontecimentos houve que nos levaram a colocar o plano inicial de parte. Hoje, na essência, a iniciativa continua a ser a mesma, apenas muda a forma de chegarmos ao destino.

Até ao momento o acontecimento mais marcante foi o problema de saúde da NaE, que em 2016 nos obrigou a repensar a viagem e a nossa vida. Se inicialmente nos abalou e nos fez pensar em desistir de tudo, depois de enfrentarmos o problema com os pés no chão surgimos ainda com mais certezas de que a nossa viagem é para continuar. Se não podemos dar a volta do mundo – pelo menos por agora – por todas as condicionantes já aqui referidas noutras crónicas, iremos até outras paragens sempre com o objectivo de levar a nossa cultura aos mais variados locais. E, claro está, sempre com o intuito de encontrar raízes lusas e laços a Macau e à Igreja Católica.

De facto, tem sido uma viagem e tanto. E muito mais está para acontecer. Temos ainda muitas milhas náuticas pela frente, em busca de histórias para vos relatar.

Gostaria de ter mais noites como esta para vos tentar explicar o que se sente quando se está rodeado de água, no meio do nada, sem uma alma a milhares de milhas da terra. Sob um céu estrelado, mas tão estrelado, que quase não se consegue distinguir onde começa e acaba o mar. ■

SAAM

AO SERVIÇO
DA POPULAÇÃO718, Avenida de Conselheiro
Borja Macau
Linha Aberta. 28 22.00 88ESCOLHA SARDINHAS
PORTUGUESASESCOLHA
PORTHOS葡
國
餐
廳公
鵝

PORTUGUESE FOOD

澳門倫斯泰特大馬路帝景苑AF - AG 舖位
Avenida Sir Anders Ljung Stedt R/C, AF. - AG., Macau
Tel: 28751383 Fax: 28751373

Segunda 4

Petróleo 1

Ainda a questão da Venezuela. Pois é evidente. A preocupação dos Estados Unidos e da União Europeia não é a democracia! São as matérias-primas, com particular destaque para o petróleo, sendo que a Venezuela fica a trezentos quilómetros das fábricas americanas, contrastando com o Golfo que fica a mais de 16 mil quilómetros. Este

é o mesmo problema que tentaram colmatar ao destruir a Síria: a ideia era através de oleodutos e gasodutos transportar para a Europa e os Estados Unidos em oito dias o petróleo e o gás natural que, de barco, demora mais de 45 dias. ■



ças dos Estados Unidos e as carteiras de Berlim e Paris? À vontade, mas não tenham depois a audácia de queixar-se das inevitáveis – e até justas – consequências do nosso seguidismo. Sai muito caro não ser livre! ■

Petróleo 2

A VICE-PRESIDENTE da Venezuela, Delcy Rodríguez, anunciou que a companhia venezuelana de petróleos, PDVSA, transferirá de Lisboa para Moscovo a sua sede europeia. Vai-se de Portugal, portanto, uma das maiores petrolíferas do mundo. Para quantos imaginavam que a subserviência a vontades estranhas não nos causaria dano, eis aqui, novamente, a recordação dolorosa de que a independência nacional é inseparável do interesse concreto, palpável e imediato do País. Querem pensar uma política portuguesa com as cabe-

Quarta 6

Freita

Localizada na Serra da Freita, a Frecha da Mizarela é considerada a maior queda de água de Portugal continental, com as águas do Caima a despenharem-se de mais de sessenta metros de altura. A cascata assenta num importante sistema de falhas e ocorre no contacto geológico entre o granito e os micaxistos da Freita. A biodiversidade aqui presente é surpreendente. As rapinas aproveitam as correntes de ar ascendente para o seu voo planado e os espaços abertos para a caça. ■



Verdade

«Quem julga ter a verdade num bolso, tem sempre uma inquisição no outro», já dizia Agostinho da Silva. É triste que, em vez de aprendermos com os indígenas de todo o mundo uma

vida mais sábia e em harmonia com a Natureza, andemos desde a colonização a tentar convertê-los aos nossos preconceitos culturais e civilizacionais. ■

Terça 5

Corrupção

Portugal, uma nação repleta de gente séria, honesta e competente! Parabéns pelo vosso contributo para a nossa história. Mas há quem esteja a levar o País para o

fundo da Europa; a destruir um dos povos que mais marcaram, como poucos povos o conseguiram fazer, a História Mundial e a modernidade do Velho Continente. ■



Democracia

Uma coisa sabemos: se a Direita portuguesa se preocupasse tanto com a democracia portuguesa, agrilhetada e silenciada por Bruxelas, como com a venezuelana, Portugal seria o mais livre país do mundo. Se fosse tão patriota de Portugal como é patriota de Israel, nin-

guém passaria os portugueses em auto-confiança e determinação. E se falasse com tanto vigor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa como fala da União Europeia, a CPLP seria mais que um centro ocupacional para diplomatas em fim de carreira. ■

Quinta 7

Arte

A “História da Arte nos Açores (cerca de 1427-2000)” é uma obra imprescindível que convida a uma saborosa senda plural de descobertas. Este livro, de novecentas páginas e profusamente ilustrado, pode ser adquirido (segundo foi anunciado na muito concorrida sessão de lançamento) por via online através de enco-



menda feita no sítio na Secretaria Regional de Educação e Cultura do Governo Regional dos Açores. Sob coordenação de Delfim Sardo, João Vieira Caldas e Vítor Serrão, reúne textos de 26 autores que dão uma visão de conjunto

sobre as especificidades das artes produzidas no arquipélago, ou para ela encomendadas e adquiridas, desde o fim da Idade Média aos nossos dias. No dia 8 de Março, na Casa dos Açores, em Lisboa, haverá nova sessão de lançamento. ■

幸 > 運 > 抽 > 獎
與 我 們 一 起 睇 戲
V Á A O C I N E M A C O N N O S C O

VALE DOIS BILHETES DE CINEMA,
NO PRAZO DE DUAS SEMANAS.
請填妥抽獎卷一覽戲票兩張
有機會會取

姓名 :
NOME
手機 :
CONTACTO

請把抽獎卷於抽獎前投入設於澳門大會堂之抽獎箱內
ENTREGUE ESTE CUPÃO NAS BILHETEIRAS DO CINETEATRO DE MACAU

抽獎日期：3月14日

DATA DO SORTEIO: 14 DE MARÇO DE 2019

TDM Canal 1



Cinema: Paraíso Perdido.
Sábado, às 21:15 horas.

Sexta-feira

13:00 TDM News (Repetição)
13:30 Telejornal RTPi (Diferido)
15:00 Água de Mar
15:50 Zig Zag
16:20 Quem Quer Ser Milionário
17:25 Arquitectarte
17:55 Ministério do Tempo
18:50 TDM Talk Show (Repetição)
19:25 Livros com João Guedes (Repetição)
19:35 Os Nossos Dias
20:30 Telejornal
21:15 Sinais de Vida
22:00 Contentor 13
22:30 Motel Bates
23:15 TDM News
23:50 Resumo Liga Europa 2018/2019
00:10 Cinema: Incógnito
01:35 Telejornal (Repetição)
02:20 RTPi (Directo)

Sábado

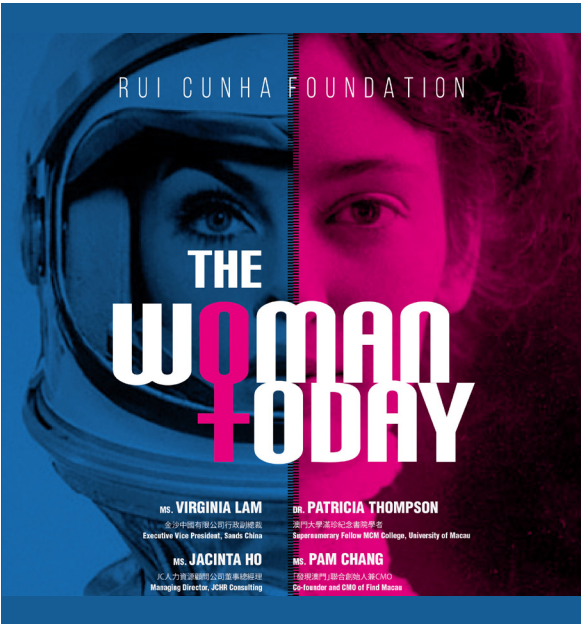
10:30 Zig Zag
10:50 Os Ursos Boonie e o Fantástico Outono
11:20 Beo and Peno
11:30 Chai Chai
12:00 Visita Guiada
12:35 Culinária Portuguesa

13:00 TDM News (Repetição)
13:30 Telejornal RTPi (Diferido)
14:30 Festival da Canção 2019 - Final
16:45 Janela Indiscreta
17:20 Ritual Tejo ao Vivo em Macau
18:20 Animais Anónimos
18:50 Joker
19:35 O Mundo da Dança (Fim)
20:30 Telejornal
21:15 Cinema: Paraíso Perdido
23:15 TDM News
23:50 Cá Por Casa
00:55 Telejornal (Repetição)
01:40 RTPi (Directo)

Domingo

10:30 Animaizinhos Selvagens Exploradores
11:00 Missa Dominical
12:00 Madeira 600 Anos
12:30 Uma Mesa Portuguesa... Com Certeza!
13:00 TDM News (Repetição)
13:30 Telejornal RTPi (Diferido)
14:30 Top Chef Jr.
15:15 Rat-A-Tat
15:35 Míudo Graúdo
16:15 Viva a Música
17:00 Brainstorm
17:45 Yolanda Soares - Metamorphosis
19:25 Bem-Vindos a Beirais
20:10 Aqui Há História
20:30 Telejornal
21:15 Contraponto
22:20 Coisas Curiosas de Saber
22:45 City Folk - Gente da Cidade
23:15 TDM News
23:50 TDM Reportagem (Repetição)
00:10 Magazine Liga Europa 2018/2019
01:05 Telejornal (Repetição)
01:50 RTPi (Directo)

EVENTOS www.icm.gov.mo/pt



CONFERÊNCIA "THE WOMAN TODAY"

08/03 | Sexta-feira | 5:30 horas - 17:00 horas
Fundação Rui Cunha

O Dia Internacional da Mulher é, para além de um momento de reflexão e análise sobre o muito que já foi feito e o muito que ainda está por fazer, um tempo para celebrar a coragem e a determinação que tantas e tantas mulheres, um pouco por todo o mundo, têm diariamente, ao desempenharem papéis extraordinários na história dos seus países e das suas comunidades. É, pois, como forma de inspiração e encorajamento das novas gerações de mulheres em Macau, que a Fundação Rui Cunha aproveita a oportunidade e reúne à mesma mesa um grupo de convidadas, com diferentes percursos de vida mas com um elo em comum: sucesso e realização profissional e pessoal. A sessão será realizada em língua inglesa. A entrada é livre!



CONCERTO "DIÁLOGO ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE"

09/03 | Sábado | 20:00 horas
Centro Cultural de Macau

Nie Jiapeng, jovem violoncelista muito popular nos últimos anos, foi convidado especialmente para conduzir um debate sobre instrumentos musicais do Oriente e do Ocidente. O violoncelo, um instrumento musical ocidental, é usado para interpretar "O Capricho de Genghis Khan", uma peça musical de inspiração chinesa do mais influente compositor da Ásia, Tang Jianping. Wei Qing, chefe do naipe de liuqin da Orquestra Chinesa de Macau, com os seus conhecimentos de liuqin e sensibilidade musical, vai usar o belo e agudo som do liuqin para interpretar a "Dança do Tambor de Bronze", uma canção com elementos de minorias étnicas do Sudoeste da China e composta pelo professor Zhang Zhao. No final há "Benção Eterna e Auspiciosa", um concerto de pipa encomendado pelo Departamento Publicitário da Província de Jilin a Zhao Cong, artista emergente e multi-talento, intérprete principal de pipa da Orquestra Tradicional Chinesa da China.

CARTOON



TEMPO www.smg.gov.mo

AGUACEIROS
14º Min. - 17º Máx.

Céu muito nublado. Aguaceiros ocasionais.
Vento força 4 a 6 do Leste a Nordeste com rajadas.
Humidade relativa entre 80% e 98%.
O índice UV máximo previsto é de 2, classificado de Baixo.

TAXAS DE CAMBIO http://www.bcm.com.mo

MOP

USD	1	8.0798
EUR	1	9.1377
GBP	1	10.629
JPY	1	0.07232
AUD	1	5.6915
NZD	1	5.4779
RMB	1	1.1988
HKD	1	1.03

JAVA MENOR – 9

Situs Semedo e a menina Ribero

JOAQUIM MAGALHÃES DE CASTRO
joaquimcastro@oclarim.com.mo

CONDUZIR nas estradas indonésias é um verdadeiro teste a todos os sentidos. Os veículos, sobretudo os bicis motorizados, tanto nos aparecem pela esquerda como pela direita, aproveitando, todos eles, a mais ínfima nesga para se esgueirarem à menor desatenção do condutor oponente. Na verdade, é um milagre regressar incólume após uma jornada de várias centenas de quilómetros. Para compensar o caos, vá lá que as cidades indonésias têm a agradável particularidade de nos fazer sentir num ambiente quase rural, mesmo que segundos antes tenhamos saído de um horrendo congestionamento rodoviário – exemplo disso, as pequenas vielas laterais de telhado-toca-telhado com mulheres à soleira da porta de casa vendendo ao longo do dia o que confeccionaram de manhã bem cedo. É, aliás, devido a essa particularidade que raramente temos o privilégio de degustar pratos quentes. Em desvantagem, neste caso, os makam padang e os warung makan, por oposição aos volantes e práticos nasi e mee gorengs, e aos baksos.

A caminho de Semarang aparece-me, em jeito de intervalo, Tegal. Aqui surgiu a indústria colonial de açúcar por iniciativa da Companhia das Índias Orientais, servindo esta cidade costeira de porto de exportação da cana produzida nas plantações próximas. Avistadas de soslaio, a bonita sede dos caminhos-de-ferro e o alun-alun. Localizo no mapa entretanto um tal “Museum Situs Semedo”, algures nas redondezas. É, na verdade, mais de que um museu, sítio paleontológico onde foram encontrados aqui há uns anos uma série de fósseis. Motivo suficiente para dar nome também a um restaurante da zona, o “Makam Semedo”. Os locais desconhecem o significado da palavra, o que só reforça a hipótese de se tratar de um apelido português. Talvez o de algum mercador, soldado ou missionário que emprestaria o nome ao sítio. Como é que cá chegou é a questão a levantar.

Tegal, onde também se produz chá de boa qualidade, ter-se-á desenvolvido a partir de uma pequena aldeia chamada Tetequal; isto, em 1530. Ora, é para mim também bastante familiar, na sua sonoridade, este vocábulo. Uma meia centena de quilómetros adiante espera-nos Pekalongan,



Joaquim Magalhães de Castro

cidadezinha empenhada em produzir o melhor dos “batiks”, facto por si só justificador do museu dedicado a essa forma de arte têxtil tão querida dos indonésios.

Fundada em 1547, Semarang assenta num antigo porto mencionado por Tomé Pires na sua “Suma Oriental”. Denomi-

nava-a o português “terra de Camaran”. Hoje, o seu centro histórico, o Kota Lama – onde volto a encontrar riquexós a pedal – reúne um assinalável conjunto de edifícios coloniais que nos últimos anos têm vindo a ser alvo de merecidas obras de restauro. A paisagem urbana

demonstra a transmutação de cidade fortificada – o baluarte De Vijfhoek, de cinco bastiões, na margem do rio Semarang, ergueu-o a V.O.C – em cidade portuária internacional e cosmopolita.

Demolida a muralha, em 1824, estabeleceriam no miolo urbano as suas sedes várias firmas estrangeiras privadas. Surgem assim os prédios de escritórios, os armazéns, as lojas, os bancos, os consulados estrangeiros. Desse período mantém-se intacto o edifício em tijoleira Marba, outrora armazém de venda de tudo e mais alguma coisa, precursor dos modernos supermercados. Uma ilustração de Frits van Bommel, datada de 1930, retrata bem este modelo de lojas implementado pelo alemão Alfred Zikel e que depressa se espalharia pelas Índias Orientais. Noutro edifício recentemente recuperado destaca dois belos painéis de azulejos arte nova. Um deles representa uma mulher com a mão direita na cabeça de um leão e a esquerda pousada numa âncora – brasão de Semarang; o outro, um peixe e um crocodilo com cauda de escorpião – brasão de Surabaya. Também exemplarmente reabilitado o antigo armazém Spiegel, datado de 1775, é hoje estabelecimento comercial de sucesso e aí se podem degustar todas as modalidades de café. Subtraídas estas exceções, e umas quantas mais promessas de restauro em imóveis onde a arte-deco se funde no estilo colonial holandês, o que mais há são paredes degradadas com vidros partidos e plantas a despontar dos muros quais jardins suspensos à beira rio.

Após consulta cibernética descubro a existência de uma rua chamada (Jalan Peres) nas imediações do bairro de Bongsari para onde foi em tempos relocada a comunidade católica local. É prova disso, no cemitério contíguo à igreja de Santa Teresa, a lápide de um túmulo em razoável estado de conservação. Gravado no granito é visível um “Vasconcelos” bem português.

A introdução do Catolicismo na região ocorreu certamente algures no decorrer do século XVI, mas só seria “oficializado” em 1640, quando dois padres dominicanos, Manuel de Santa Maria e Pedro de São José, receberam um terreno do sultão de Mataram, Agung Adi Prabu Hanyakrakusuma, destinado aos católicos locais, no fundo, comerciantes portugueses de Jepara. Serão certamente descendentes dessa gente muitos dos actuais residentes de Bongsari e até algumas figuras públicas da cidade, como é o caso da muito jovem e promissora actriz Aurora Ribero, protagonista do êxito de bilheteira Susah Sinyal. ■